



PORTUGAL: ENTRE ÁFRICA, AMÉRICA E EUROPA

8 setembro 2026

A história deixou a Portugal uma rede de relações muito superior à dimensão do seu território, mas que não lhe garante influência. Na conjugação do seu capital de relacionamento entre a Europa, o Atlântico Sul e a África, os espaços de proximidade podem converter-se num investimento estratégico para afirmar uma voz própria no sistema internacional.

Recentemente, tenho dado por mim a refletir sobre o papel e a importância de Portugal no mundo. País europeu, geograficamente periférico e de dimensão reduzida, nas últimas décadas tem sido essa a ideia com a qual nos habituámos a definir Portugal. Geograficamente, é uma realidade: com cerca de noventa e dois mil quilómetros quadrados de território continental, Portugal é um dos Estados de menor dimensão da União Europeia (UE). Mas esta é talvez uma forma demasiado limitada de pensar o nosso lugar no mundo, sobretudo quando se olha para a rede de relações que a história deixou nos três continentes que dão título a este artigo.

Da Península ao Atlântico

Durante os primeiros séculos da sua história, desde a fundação do reino em 1143, Portugal viveu essencialmente condicionado pela realidade peninsular. A sua posição geográfica e os (des)equilíbrios de poder existentes na Península Ibérica contribuíram para que procurássemos no Atlântico a profundidade que dificilmente poderíamos encontrar em terra. A partir do início do século XV, com a tomada de Ceuta em 1415 e os sucessivos ciclos de navegação e expansão que se seguiram, Portugal virou-se para o mar e, ao longo de cerca de cinco séculos, construiu uma presença que atravessou África, América e Ásia.

Não sendo o Império o ponto principal desta reflexão, também não pode ser ignorado. É um marco incontornável da nossa história e fundamental para compreender o Portugal contemporâneo. O Império desapareceu – o processo de descolonização completou-se em 1975, com as independências de Angola e Moçambique, e prolongou-se até 2002, com a independência de Timor-Leste – os povos tornaram-se independentes e o mundo transformou-se. Permaneceram, contudo, relações humanas e culturais

profundas e, acima de tudo, uma língua hoje partilhada por centenas de milhões de pessoas em todo o globo.

Este património linguístico não é, por si só, garantia de influência – é, isso sim, uma infraestrutura relacional que Portugal pode e deve rentabilizar de forma mais consistente, seja no reforço da cooperação económica e científica.

A democratização, iniciada em 1974, e o projeto europeu representaram uma nova transformação. Portugal aderiu à Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO) ainda em 1949, como membro fundador, e à então Comunidade Económica Europeia (CEE) em 1986, encontrando na Europa um projeto político,

económico e institucional ao qual hoje pertence de forma inequívoca. No entanto, será que tornar Portugal um país mais europeu exigiu que abandonássemos a nossa vertente atlântica? Não estará a grande oportunidade portuguesa precisamente na capacidade de conseguirmos ser as duas coisas?

Seria injusto, é claro, afirmar que esta multidimensionalidade tenha sido ignorada. A participação portuguesa na UE e na NATO, a criação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), fundada em Lisboa em 17 de julho de 1996, e a extensa presença diplomática portuguesa demonstram uma política externa que há muito reconhece as diferentes dimensões do país. A questão não reside, assim, na ausência de instrumentos, mas na possibilidade de explorar ainda mais a complementaridade entre eles e de transformar espaços de proximidade em verdadeira capacidade de influência.

Uma língua, um ativo estratégico

A língua portuguesa é, porventura, o mais tangível destes ativos. Segundo dados do Camões – Instituto da Cooperação e

FIGURA 1. PORTUGAL E O ESPAÇO LUSÓFONO EM NÚMEROS

Fonte: Elaboração própria com base em Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, I.P., Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), Divisão de População das Nações Unidas, AICEP e Gabinete de Planeamento, Políticas e Administração Geral (GPP)/INE (ver referências).

Indicador	Valor	Fonte
Falantes de português no mundo	Mais de 260 milhões (cerca de 3,8% da população mundial)	Camões, I.P.
Peso económico do espaço da CPLP	8.ª maior economia do mundo, se agregada (PIB conjunto de 3,2 biliões de dólares)	FMI, via Lusa (jul. 2026)
Área do espaço da CPLP	10,7 milhões de km ² (7,2% da superfície terrestre)	CPLP / Turismo de Portugal
População agregada dos cinco PALOP	Cerca de 80 milhões de pessoas	ONU – Divisão de População (WPP)
Exportações portuguesas de bens para o Brasil (2025)	1,25 mil milhões de dólares (-1,2% face a 2024; +17,6% face a 2023)	AICEP / ComexStat
Saldo comercial Portugal–Moçambique (2025)	+141 milhões de euros (+190 milhões em 2024)	GPP / INE
Ajuda Pública ao Desenvolvimento total de Portugal (2024)	619 milhões de euros (+21,3% em termos reais); 67% da ajuda bilateral bruta (160 milhões) dirigida a PALOP e Timor-Leste	Camões, I.P.

da Língua, I.P., é falada atualmente por mais de 260 milhões de pessoas nos cinco continentes, cerca de 3,8% da população mundial, o que faz do português a quarta língua materna mais falada do planeta e a mais falada no hemisfério sul. As projeções mais recentes, avançadas pelo primeiro-ministro português por ocasião do Dia Mundial da Língua Portuguesa, apontam para que este universo se aproxime dos 380 milhões de falantes em 2050 e ultrapasse os 500 milhões até ao final do século – um crescimento impulsionado sobretudo pela demografia dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP).

Economicamente, os países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), se fossem contabilizados como uma única economia, constituiriam a oitava maior economia do mundo, com um produto interno bruto conjunto de 3,2 biliões de dólares – logo abaixo de França e acima de Itália –, segundo dados do Fundo Monetário Internacional divulgados pela Lusa por ocasião dos 30 anos da organização, em julho de 2026.

Este património linguístico não é, por si só, garantia de influência – é, isso sim, uma infraestrutura relacional que Portugal pode e deve rentabilizar de forma mais consistente, seja no reforço da cooperação económica e científica, seja na aspiração, hoje defendida pelo Governo português, de ver o português reconhecido como língua oficial da Organização das Nações Unidas (ONU) até 2030.

O Atlântico Sul: a relação com o Brasil

Do outro lado do Atlântico, Portugal encontra o maior país da América do Sul, uma das maiores economias do mundo e mais de duzentos milhões de pessoas com as quais partilha a mesma língua. No Brasil, Portugal não é apenas mais um Estado europeu. Existe uma proximidade humana, cultural e histórica que nos coloca numa posição diferente da maioria dos nossos parceiros europeus. A profundidade dos laços entre os dois países expressa-se também em números: segundo dados da AICEP baseados no sistema estatístico oficial brasileiro (ComexStat), as exportações portuguesas de bens para o Brasil atingiram, em 2025, cerca de \$1,25 mil milhões de USD – praticamente estáveis face ao recorde histórico de 2024 (-1,2%), mas 17,6% acima de

2023. O azeite continua a ser o produto português mais exportado para o Brasil, com uma quota de 33%, e Portugal reforçou a sua posição de mercado neste produto, apesar da descida dos preços internacionais. O vinho português teve, por seu lado, o melhor ano de sempre no mercado brasileiro, ultrapassando os \$84 milhões de USD.

Dar este salto – de credor para investidor estratégico – é o tipo de ambição que poderia devolver a esta relação todo o significado que a sua profundidade histórica justifica.

Estes números, ainda que modestos face ao potencial das duas economias, ilustram uma relação com margem de crescimento significativa, tanto mais que o comércio bilateral está ainda longe de refletir a intensidade dos laços humanos entre os dois países: segundo dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), o número de brasileiros a viver legalmente em Portugal mais do que duplicou em quatro anos, passando de 278.109, em 2021, para 574.195, em 2025 – um aumento de 106,5%, que faz da comunidade brasileira a maior comunidade estrangeira residente em Portugal, representando 35,9% do total de imigrantes. A mobilidade de estudantes, investigadores e empresários entre os dois países tem, aliás, vindo a crescer de forma consistente na última década, sustentada por acordos de dupla nacionalidade, reconhecimento mútuo de qualificações académicas e programas de cooperação científica entre universidades portuguesas e brasileiras.

Portugal não se deve assumir como um simples intermediário entre o Brasil e a Europa. Ser ponte só possui verdadeiro valor estratégico quando essa capacidade de aproximação reforça também quem a exerce. Devemos utilizar esta posição para aprofundar as relações económicas, políticas, culturais e científicas com o Brasil, reforçando o nosso papel e presença no país e contribuindo, simultaneamente, para uma aproximação entre este e a Europa.

África: os PALOP e a profundidade lusófona

Em África encontra-se outra dimensão da mesma realidade. O português é língua oficial desde o extremo ocidental africano, em Cabo Verde e na Guiné-Bissau, até à África Austral, em Angola e Moçambique, passando por São Tomé e Príncipe. Segundo as estimativas mais recentes da Divisão de População das Nações Unidas, a população agregada dos cinco PALOP ronda atualmente os 80 milhões de pessoas – um número que, somado à população portuguesa, se aproxima dos 90 milhões.

Portugal mantém relações históricas e culturais com os PALOP que, apesar das complexidades inerentes ao passado, criaram espaços de proximidade que não existem da mesma forma para a maioria dos Estados europeus. Estas relações não são, naturalmente, uniformes: Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe apresentam realidades, interesses e desafios distintos. A título de exemplo, a balança comercial entre Portugal e Moçambique registou, em 2025, um saldo positivo para Portugal de cerca de €141 milhões de euros – ligeiramente abaixo dos \$190 milhões de 2024 –, segundo dados do Gabinete de Planeamento, Políticas e Administração Geral (GPP), com base em estatísticas do INE, enquanto o relacionamento com Angola, historicamente mais volumoso, tem sido dinamizado por sucessivas missões empresariais e institucionais – a AICEP contabilizava, em 2022, mais de 1.300 empresas de capital português ou misto presentes no país.

Já quanto à cooperação para o desenvolvimento, a Ajuda Pública ao Desenvolvimento (APD) total de Portugal atingiu, em 2024, 619 milhões de euros, um aumento de 21,3% em termos reais face ao ano anterior – o maior desde 2010. Deste montante, a maior parte é canalizada por via multilateral (a fundos e organizações internacionais e regionais); da ajuda bilateral bruta, que Portugal dirige a países parceiros, 67% (cerca de 160 milhões de euros) destina-se especificamente aos PALOP e a Timor-Leste, segundo dados do Camões, I.P. Vale a pena notar que a APD líquida é, na prática, negativa para Moçambique, Cabo Verde e Angola, uma vez que estes países pagam a Portugal mais em amortizações de



empréstimos concessionais contraídos no passado do que recebem em nova ajuda. Este dado revela uma faceta pouco explorada da relação: Portugal não é apenas doador dos PALOP, é também seu credor e parceiro económico de longo prazo – uma espessura relacional que dificilmente qualquer outro parceiro europeu destes países possui.

É precisamente nesta espessura, mais do que no volume da ajuda, que poderá residir a verdadeira oportunidade de diferenciação portuguesa: transformar dívidas antigas em investimento novo, seja através de mecanismos de conversão de dívida em capital, em bolsas de formação avançada, ou em projetos conjuntos nas áreas da transição energética e da digitalização. Dar este salto – de credor para investidor estratégico – é o tipo de ambição que poderia devolver a esta relação todo o significado que a sua profundidade histórica justifica.

A língua comum, o conhecimento mútuo e as relações construídas ao longo de décadas podem constituir instrumentos particularmente relevantes para aprofundar a cooperação económica, política, académica e cultural, reforçar a presença portuguesa no continente e valorizar, no próprio contexto europeu, o conhecimento e as relações que Portugal mantém com estes países. A história não nos concede, porém, qualquer direito especial. Precisamente por isso, estas relações devem ser encaradas não apenas como uma memória do passado, mas como uma oportunidade de construir o futuro.

A dimensão atlântica: geografia como ativo

Importa ainda compreender que a dimensão atlântica de Portugal não é exclusivamente uma herança histórica. A posição geográfica do país, em conjunto com os arquipélagos dos Açores e da Madeira, confere-lhe uma presença no Atlântico que se estende por uma vastíssima Zona Económica Exclusiva – uma das maiores da Europa – e que continua a ter importância estratégica. Num contexto internacional em que questões de segurança, energia, cabos submarinos de comunicações e rotas marítimas assumem uma relevância crescente, a geografia portuguesa permanece também ela um ativo, tanto no quadro da NATO como no da própria UE.

Uma bússola para um mundo multipolar

Num mundo cada vez mais multipolar, esta capacidade de Portugal dialogar com diferentes espaços será ainda mais importante. À medida que novos centros de poder se afirmam e os equilíbrios internacionais se tornam mais complexos, aumenta também o valor dos Estados capazes de estabelecer relações, compreender diferentes realidades e construir consensos.

Portugal pode estar em Bruxelas como país plenamente europeu e, ao mesmo tempo, dialogar com particular proximidade com Brasília, Luanda, Maputo, Praia ou Díli. Pode encontrar na UE uma plataforma para valorizar as suas relações atlânticas e lusófonas e, nessas mesmas relações, uma forma de reforçar a sua relevância dentro da Europa. Uma dimensão não diminui a outra. Pelo contrário, é na sua conjugação que poderá residir uma parte importante da força da política externa portuguesa.

A história deixou a Portugal uma rede de relações muito superior à dimensão do seu território. Não lhe garante influência, nem lhe confere qualquer estatuto especial. A influência não se herda, constrói-se com investimento diplomático, económico e cultural sustentado. O desafio está em transformar essa posição histórica singular numa estratégia contemporânea capaz de defender os interesses nacionais, reforçar a soberania portuguesa e afirmar uma voz própria no sistema internacional. ●

<https://doi.org/10.26619/2183-4822.2026.CJ.20>

Referências

- AICEP (2026). *Importações brasileiras relativas aos produtos portugueses*. Com dados oficiais do ComexStat (Governo do Brasil) relativos a 2025. Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal. <https://portugalglobal.pt/noticias/2026/janeiro/importacoes-brasileiras-relativas-aos-produtos-portugueses/>
- Barlavento / Lusa (05.05.2024). "Montenegro quer português como língua oficial da ONU até 2030", com projeções sobre o número de falantes de português. Barlavento com base em notícia Lusa. Disponível em: <https://www.barlavento.pt/?p=346869>
- Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, I.P. (2025). *Comunicação dos dados preliminares da APD Portuguesa de 2024*, abril de 2025. <https://www.instituto-camoes.pt/sobre/comunicacao/noticias/comunicacao-dos-dados-preliminares-da-apd-portuguesa-de-2024>
- Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, I.P. (s.d.). *Estatísticas da Ajuda Pública ao Desenvolvimento* (website), com o detalhe da distribuição bilateral por PALOP e Timor-Leste. <https://www.instituto-camoes.pt/activity/o-que-fazemos/cooperacao/atuacao/reportamos/reportamos-2>
- Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, I.P. (2022). *Dados sobre o número de falantes de português no mundo*. <https://www.ffms.pt/sites/default/files/2022-07/Rede-Instituto-Cam%C3%B5es.pdf>
- Divisão de População das Nações Unidas (2025). *World Population Prospects*. Inclui estimativas de população para os PALOP. <https://population.un.org/wpp/>
- Gabinete de Planeamento, Políticas e Administração Geral (2026). *Moçambique: Trocas comerciais com Portugal 2021-2025*, com base em dados do INE. GPP, abril de 2026. <https://www.gpp.pt/images/gam/2/de/Mocambique.pdf>
- Notícias ao Minuto / Lusa (15.07.2026). "Países da CPLP em conjunto são a oitava maior economia do mundo", com dados do Fundo Monetário Internacional, por ocasião dos 30 anos da CPLP. Notícias ao Minuto, com base em notícia Lusa. <https://www.noticiasao minuto.com/economia/3021709/paises-da-cplp-em-conjunto-sao-a-oitava-maior-economia-do-mundo>
- Público (22.06.2026). "Total de brasileiros vivendo em Portugal mais que dobra em quatro anos: são 574.195", com dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), Jornal Público. <https://www.publico.pt/2026/06/22/publico-brasil/noticia/total-brasileiros-vivendo-portugal-dobra-quatro-anos-sao-574195-2179075>
- Rádio Renascença (25.10.2022). "Exportações para Angola aumentaram quase 51% em 2022", com dados da AICEP sobre o número de empresas portuguesas presentes em Angola. <https://rr.pt/noticia/economia/2022/10/25/exportacoes-para-angola-aumentaram-quase-51-em-2022/305247/>